



IV SIMPÓSIO BRASILEIRO SOBRE
MATERNIDADE E CIÊNCIA - 2024

MATERNAR OU ME FORMAR ACADEMICAMENTE? DESAFIOS E DILEMAS CONTEMPORÂNEOS

Pâmela R. O. Veras Almeida

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, pamelaverasalmeida@gmail.com

*“Ou isto ou aquilo: ou isto ou aquilo ...
E vivo escolhendo o dia inteiro!
Não sei se brinco, não sei se estudo,
Se saio correndo ou fico tranquilo.
Mas não consegui entender ainda
Qual é melhor: se isto ou aquilo.”*

Ou Isso ou Aquilo (Cecília Meirelles)¹

Propósito

O que é a vida senão um grande dilema? Somos expostos a escolhas desde que nascemos. Viver é a ‘arte das escolhas’, mesmo quando não a fazemos. A todo instante, somos atravessados por uma série de acontecimentos que nos exigem tomar decisões, não raras vezes complexas e dolorosas. Para as mães, essas questões são intensificadas diante do desejo de viver a maternidade, sem que precisem abandonar seus projetos acadêmicos e profissionais. Como equilibrar essa balança?

Compreendendo a necessidade de compatibilizarmos essas vertentes, objetivamos, neste artigo, apresentar um relato reflexivo sobre os dilemas enfrentados, em geral pelas mulheres, em relação à maternidade, na contemporaneidade.

Revisão da literatura

No cenário contemporâneo permeado pelas tecnologias digitais em rede, a sociedade, em geral, mergulhada em informações, tutoriais, predições e cursos sobre como maternar e criar filhos felizes, quer nos ensinar a ter controle sobre algo que não se pode controlar. Afinal,

¹ Do livro, Crônica para Jovens, 2012 Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Cec%C3%ADlia-Meireles-Cr%C3%B4nicas-Para-Jovens/dp/8526017071>. Acesso em 02 mai. 2024.

maternar é se arriscar, lançar-se, errar e acertar. Han (2017, p. 15) nos alerta que a “comunicação generalizada e a superinformação ameaçam todas as forças humanas de defesa”.

Para aquelas mães que buscam viver uma maternidade ‘perfeita’, formar-se academicamente se tornou uma missão quase impossível, dado que muitos entendem esse espaço como não adequado para as mães, ou, ainda, que as flexibilizações existentes não são suficientes para que possamos equilibrar uma maternidade plena com a vida acadêmica e as suas demandas incessantes. Já se sabe que sociedade disciplinar (Foucault, 1987) se transformou na sociedade do desempenho, com a busca frenética pela produtividade. Consequentemente “já habita, naturalmente, o inconsciente social, o desejo de maximizar a produção” (Han, 2017 p. 15).

Atualmente, a busca por ser feliz a qualquer custo, a falta de tempo para acompanhar o desenvolvimento da criança, o medo de que o filho passe por privações, a exposição a comparações e julgamentos sociais, e a necessidade de terceirizar a maternidade para suprir outras demandas, especialmente financeiras, entre outros, são preocupações que, como mães carregamos, e que, podem desencadear no excesso de proteção maternal que impede o viver, o sentir e até mesmo o florescer na vida.

Essas ‘exigências’ contemporâneas para que nossos filhos sejam inteligentes, prósperos, *fitness*, atletas, músicos, educados e bilíngues, levam-nos a questionar, por exemplo, como, a partir desses padrões, conciliar o papel de mãe, que sempre foi exaustivo (apesar da romantização) com a vida acadêmica? Como “dar conta” de tudo isso e não ter a nossa saúde mental afetada?

“Seja uma pessoa completa. A maternidade é uma dádiva maravilhosa, mas não seja definida apenas pela maternidade” (Adichie, 2017. p. 8). De fato, muitas mulheres não querem ser apenas mães, também buscam gerenciar suas carreiras e vidas acadêmicas. Mas infelizmente, estamos à beira de um ‘colapso mental’, ao tentar equilibrar as duas funções. E assim, retorno ao dilema de Cecília Meireles, “Ou isto ou aquilo: ou isto ou aquilo ...E vivo escolhendo o dia inteiro! Não sei se brinco, não sei se estudo, se saio correndo ou fico tranquilo”. Ser mãe e se formar academicamente requer escolhas cotidianas.

Apesar de a mãe polivalente ser uma evolução das demais, ela está ainda longe de se sentir bem e satisfeita consigo e com a vida que leva. É interessada, informada e extremamente crítica. Mas muitas vezes ainda se sente culpada por não estar mais presente na vida dos filhos, e culpada como profissional, pois dificilmente está 100% focada e concentrada em seu trabalho (...) ela vive em um desafio diário como uma malabarista que precisa manter vários pratos no ar o tempo todo sem que nenhum caia no chão. Ela está cansada [...](Tiba, 2007. p. 48).

Poucas mulheres possuem rede de apoio e, para motivá-las a ‘dar conta de tudo’ são intituladas como ‘supermulheres, heroínas, ‘guerreiras’, ‘multitarefa’, entre outros, quando, na realidade, sofrem uma grande sobrecarga e descontentamento, Em muitos casos, sofrem com a falta de políticas públicas; sem rede de apoio, exercem o papel de pai e mãe.

O que existe de fato é uma romantização da maternidade, que faz com que as pessoas acreditem que conseguimos administrar todas as demandas, simultaneamente, sem qualquer dano. De fato, muitas de nós já demonstraram sua força e fé! e conseguiram lograr êxito. Mas, a que custo?

Não há dúvidas de que precisamos falar sobre saúde mental na academia e nas redes, em como mulheres/mães cotidianamente são afetadas por doenças psicossomáticas, *Síndrome de Burnout*², entre outras, devido à sobrecarga maternal. Mesmo aquelas mulheres que não abandonaram o sonho de estar na Academia, precisam atender às demandas da universidade, participar dos inúmeros eventos, produzir artigos, resenhas, visualidades e participar das aulas. Isso tem levado muitas mulheres à exaustão, dado que desistir da academia para viver integralmente a maternidade, pode acarretar muito sofrimento.

Em pleno século XXI falas como “[...] mães devem ser intensamente focadas em seus filhos, colocando suas próprias necessidades em segundo plano” (Mattsson, 2014 *apud* Dellazzana Z.; Dellazzana , A.; Talamoni, 2019, p. 1046) reforçam a ideia de que a mãe ‘perfeita’ abdica de seus próprios desejos em função do ‘cuidar e maternar’. Nesse mesmo viés, Iaconelli (2019, p. 7) nos leva a refletir e considerar outras possibilidades, mas que também geram frustrações e mal-estar.

Quem manteve um olho na carreira e outro na parentalidade costuma se queixar de não conseguir se dedicar a nada integralmente. Parte do processo para sair desse beco é reconhecer que ao chegarmos à vida adulta tendemos a imaginar vidas paralelas, nas quais estaríamos se tivéssemos feito outras escolhas (...) melancolia de um passado que não foi e ansiedade por um futuro que não virá criam impasse e imobilidade.

Ou seja, ambas escolhas nos conduzem a este lugar de sofrimento psíquico que tem acarretado um grande aumento de mães com doenças psicossomáticas. Como,então, equilibrar a maternidade com as atividades de estudo ou profissional? Que medidas práticas podem ser tomadas?

Conforme Seixas *et al* (2022) é preciso planejar e escolher nossas prioridades - o que pode ou não ser feito em um determinado momento, para garantir que ambos os aspectos de

² *Burnout* ou *Síndrome de Burnout* é uma condição que se caracteriza pelo esgotamento físico e mental de um indivíduo. Tal condição gera sintomas como: estresse, fadiga, irritabilidade, distúrbios emocionais e exaustão. Disponível em: <https://conceito.de/burnout>, Acesso em: 30 ago. 2024

nossas vidas recebam a atenção necessária. Buscar apoio familiar, compartilhando responsabilidades pode permitir que tenhamos tempo para cuidar de nossa saúde física e mental sem sentir que estamos negligenciando nossas responsabilidades parentais.

Numa perspectiva mais ampla, é chegado o tempo de as instituições governamentais e de ensino pensarem em medidas afirmativas que possam garantir, ou ao menos dar suporte adequado às mães que estão na Academia, a fim de minimizar os impactos à saúde mental dessas mulheres.

Procedimentos metodológicos

Fundamentada no pensamento de Lourau (1975), que entende o relato reflexivo como um gênero discursivo que possibilita, mediante interlocução mediada pela escrita, a criação de mecanismos e espaços de reflexão sobre teorias e táticas que constituem os modos individuais e coletivos de compreensão e produção/reprodução de um campo de estudo, bem como das identidades profissionais, individuais, e de grupo, objetivei, nesse estudo, refletir, criticamente, sobre a temática suprarreferenciada, na expectativa de gerar novas interpretações, desafiar ideias preconcebidas ou aprofundar o entendimento sobre o tema.

Sua escrita teve como motivação minhas experiências pessoais como mãe e estudante, plenas de preocupações, dificuldades, resiliência, alegria, realizações, entre outras. O processo de análise e argumentação incluiu a identificação de questões-chave a serem discutidas, o confronto entre as ideias ou experiências iniciais e o conhecimento preexistente, e a análise crítica de possíveis interpretações ou desdobramentos.

Resultados

Apesar de, ao longo da escrita desse texto, valores, crenças e experiências vividas influenciarem minhas reflexões, o diálogo com esses interlocutores, possibilitou maior amadurecimento de minhas ideias, apontando-me novas possibilidades de pensamento, deixando evidente a importância do pensamento crítico e da autorreflexão.

Essas reflexões apontam para a urgência de propostas alternativas, inclusivas e respeitosas, que garantam mais segurança e flexibilidade às mães, tanto durante a gravidez como após o nascimento da criança. É necessário ajustar os calendários acadêmicos e possibilitar a criação de espaços de escuta sensível para que essas questões possam ser discutidas. Ademais, é preciso aprimorar instrumentos legais que regulamentem a concessão de benefícios para que essas mães consigam conciliar maternidade e estudos acadêmicos.

Os resultados obtidos, neste estudo, podem contribuir para que as instituições possam

traçar estratégias que garantam a permanência de mães estudantes na universidade.

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Para educar crianças feministas: um manifesto**. Editora Companhia das Letras, 2017.

DELLAZZANA, Zanon, L. L.; DELLAZZANA, Ângela Lovato; TALAMONI, Isadora. Maternidade e ciência: um estudo qualitativo sobre engajamento e motivação nas redes sociais. *Atas – Investigação Qualitativa em Saúde/Investigación Cualitativa en Salud*, Lisboa, 2019, v. 2, p. 1044-1049.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 27ª ed.; Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1987.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Tradução de Enio Paulo Gianchini. 2ª ed., 2017.

IACONELLI, Vera. *Criar filhos no século XXI*. Contexto, 2019. Disponível em https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=NhmtDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT5&dq=vera+iaconelli&ots=l6uVq_6BEa&sig=SCpF9QIRg0Q_UXRVa67vQCAijiM&redir_esc=y#v=onepage&q=vera%20iaconelli&f=false Acesso em: 14 mai. 2024

LOURAU, René. *A análise institucional*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1975.

MELLO, Julio. F., Burd, Mirian (Orgs). *Psicossomática hoje*. 2ª ed. Porto Alegre: Artes médicas. 2010. Disponível em https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=o3As2asVRwYC&oi=fnd&pg=PR4&ots=NUpscES9Gb&sig=KTzBcvARpYIKwS1IkEoV0_yJpuI&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false Acesso em 14 fev. 2024.

VELLOSO, Luciana SANTANA, Leila. ., ALMEIDA Pâmela ; MACHADO, Laís. Sociabilidades forjadas nas relações contemporâneas na cibercultura. *EVOCATIO: Revista Luso-Brasileira de Filosofia, Artes e Cultura*. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/evocatio/article/view/131657> . Acesso em: 14 fev. 2024.

TIBA, Içami. *Quem ama educa. Formando cidadãos éticos*. São Paulo: Integre, 2007.